

METAFÍSICA TOMISTA: ATUALIDADE!

por Sergio Salles



Dr. Carlos
Frederico

Graduado em Filosofia. Mestre e doutor pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino - Angelicum, professor e coordenador do Curso de Filosofia da Universidade Católica de Petrópolis, professor da Faculdade de São Bento e Instituto João Paulo II, Rio de Janeiro.

A Aquinate.net se sente honrada por editar esta entrevista com o Dr. Carlos Frederico Gurgel Calvet da Silveira.

Entrevista:

1. Começo propondo-lhe uma questão a respeito da sua trajetória intelectual à luz de sua tese de doutoramento, intitulada “As premissas metafísicas das paixões primárias em Spinoza”. O que exatamente o interpelava em Spinoza tendo em vista sua formação na tradição tomista?

Absolutamente falando, não se pode negar a influência de Spinoza na história da filosofia moderna. Relativamente, indicaria três exigências fundamentais. Primeiro, a própria origem escolástica da filosofia spinozista, seja quanto a termos técnicos — já com o influxo da Segunda Escolástica —, e, neste caso, posso citar o exemplo do polêmico conceito ‘*causa sui*’, Deus como causa de si mesmo. Em seguida, creio que Spinoza trilhou um caminho que no final tem semelhanças com o de Tomás, especialmente no que diz respeito à sua obra escrita. A *Ethica* tem semelhança com a *Suma*, na medida em que é uma obra de totalidade, uma característica da tradição filosófica, um pouco perdida hoje, que é a síntese. Em terceiro lugar, o tema das paixões, desenvolvido pelos dois pensadores na perspectiva do problema do mal no mundo. Spinoza mais otimista neste caso.

2. Em seus cursos, o Sr. destaca a atualidade da metafísica de Tomás de Aquino, sempre em diálogo com os desafios do imanentismo moderno, de origem spinozista. Em que medida, para o Sr., a atualidade do Angélico também se faz presente em outros ramos da filosofia, como a ética e a epistemologia?

Justamente aí Spinoza mostra-se onipresente. Entretanto, há uma presença judaica nos dois filósofos, que é imanentista no pensador judeu e transcendente no cristão. Refiro-me especificamente à concepção judaica da

berakah (bênção). A oração judaica de bênção, também a mais importante forma orante do cristianismo, sofreu um processo de imanentização em Spinoza: a bênção, que era o meio sobrenatural de transformar o mundo em divino, tornou-se um processo natural, onde não é Deus mais que transforma e que penetra o homem, mas é o próprio homem, consciente de sua potência, que pode racionalmente eliminar as ilusões, as trevas, as dores, as paixões, com a luz da razão. Tomás, dentro da tradição cristã, realiza o contrário. Entretanto, porque o imanentismo tomou força depois de Spinoza, creio que a oportunidade de Tomás é inegável, pois é o próprio tomismo que ganha mais força com a experiência imanentista que se seguiu a Spinoza. Quero dizer que a verdade da *berakah* se torna mais clara hoje, já que, depois do teste da imanência, a transcendência mostra-se mais pura. É preciso dizer ainda que as disciplinas citadas pelo senhor sofrem hoje dessa ausência de transcendência e que devemos traduzir essa experiência orante em termos filosóficos atuais.

3. Certa vez, o Sr. recordou-nos a belíssima exortação de Boécio: “Elevai vossas almas à altura de vossas esperanças!”. Poderia esclarecer-nos o significado dessa exortação à luz da filosofia cristã?

A esperança cristã nasce de duas fontes principais: da confiança na natureza humana, especialmente na razão; e da revelação. Dentro do contexto da obra de Boécio, as duas fontes encontram seu equilíbrio e é este o consolo que o homem pode encontrar diante das misérias de seu tempo: não se pode desanimar com as injustiças do mundo. Aqui serve a observação de Camus, que diz mais ou menos o que se segue: se é verdade que nascemos na injustiça, também é verdade que a nossa tarefa consiste em trazer um pouco de justiça ao mundo.

4. É possível uma filosofia cristã *fora* do tomismo? Em caso afirmativo, qual(is) seria(m) o(s) denominador(es) comum(ns) às filosofias cristãs?

Certamente. O próprio agostinismo mostrou sua fecundidade ao longo dos séculos da filosofia cristã. Mas não somente. Gostaria ainda de lembrar da filosofia de Gabriel Marcel, de Luigi Stefaninni, de Paul Ricoeur, entre muitos outros, mesmo com perspectivas aparentemente distantes do tomismo. A filosofia cristã está sempre em diálogo, independentemente da tradição à qual esteja afiliada.



5. Tomás de Aquino é o padroeiro das Universidades Católicas. Como o Sr. descreveria a missão e os atuais desafios das Universidades Católicas, especialmente no Brasil?

O mínimo que as Universidades Católicas podem fazer é difundir autores como os que aqui foram citados. Infelizmente isso nem sempre acontece, creio que, às vezes, com a boa intenção de quem pensa que o melhor modo de transmitir a verdade é ocultando os elementos cristãos de sua mensagem ou mesmo negando o cristianismo: algo paradoxal como quem diz que quanto mais ateu, mais cristão. Um caminho que se mostrou insuficiente e incompatível com a investigação serena e o verdadeiro debate das idéias. Chegou o momento de o Brasil redescobrir o patrimônio filosófico cristão de dois mil anos.